

POEMAS

Rubens Figueiredo

O que a faca percebe e conhece da pessoa que fere,
o que a mão compreende da mão e do amor que deseja,
é menos do que o vento sabe do cabelo e seus fios.
E mais falam minhas dúvidas à luz e aos vidros,
melhor me define o sol pelas linhas das sombras
do que o pouco de mim que me chega nesse nome que chamam.
Sobrenomes, pronomes acham em mim menos que a chuva,
menos até que esta gota, que desce na pele, e desaparece.
Tão pobre é o preço de tudo. Eu vivo mais quando desapareço.

(1991)

O que o vento vem ler e reler
nos vãos do esqueleto?
O que o deserto deseja
ao rolar a areia no oco do crânio?

No túnel seco do tutano,
a última formiga confirma o último engano.
Nas entrelinhas das costelas,
a serpente interpreta suas listras pretas.

Nome, memória, ar que respira,
tudo é empréstimo e expira a seu prazo.
Cada noite é sombra da folha que vira,
e o dia, o brilho de uma nova página aberta.

Mas o tempo tem pressa
e folheia ligeiro o seu livro
— pálpebra que pisca,
branco e preto se intercalam,
e qual é o fundo, qual é a letra,
qual é a listra?

A estrofe de ossos mal aflora.
Estrelas, distraiam-se com outra história.

(1992)